

NOTA DE LEITURA

REIS, José Carlos. *Annales: a renovação da história*. Ouro

Preto: UFOP, 1996.

CARACTERIZAÇÃO DA HISTÓRIA HOJE: UMA ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA

Sarah Iurkiv Gomes Tibes Ribeiro¹

*A crise do mundo dos historiadores
nasce dos limites e das incertezas da
nova história, do desencanto dos homens
face às durezas da história vivida.*

Jacques Le Goff

Este ensaio tenciona refletir sobre algumas “modificações” que a historiografia vinculada à matriz *annaliste* vem sofrendo, particularmente a partir do final da década de 1980. Tais alterações seriam, segundo

¹ Professora Assistente do Curso de História, vinculado ao Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, Campus Universitário de Marechal Cândido Rondon. Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE. Mestre em História Ibero-Americana pela PUC/RS. Doutoranda em História do Brasil – PUC/RS. Elaboração de Tese de Doutorado voltada para o estudo de populações indígenas no Oeste do Paraná.

alguns autores, resultantes ou necessárias em virtude da crise paradigmática que assola as ciências sociais, levando em conta a relevância deste campo do saber no forjar do arcabouço teórico-metodológico da chamada Nova História, desde suas primeiras gerações. Desta forma, historiadores do presente pretensamente fiéis aos *Annales*, teriam ficado numa situação de carência de referenciais, obrigando-se a uma reavaliação crítica de suas posições com relação aos pressupostos tradicionais de seus pais fundadores. Visa-se portanto, a proceder a uma modesta reflexão sobre os elementos que supostamente seriam responsáveis por essa “revisão teórico-metodológica” que perpassa a Escola dos *Annales* na última década, e a subsequente modificação de temas, métodos e escalas de abordagem por parte dos historiadores vinculados à mesma.

Para dar conta de tal escopo partiu-se de um apanhado breve sobre alguns elementos teóricos centrais nos primórdios da revista, com o intuito de informar e situar eventuais alterações ou permanências relativas a estes, passíveis de percepção na produção de profissionais que de uma forma ou outra se posicionam como herdeiros de Bloch, Febvre e Braudel.

Em 1929, Marc Bloch e Lucien Febvre fundam a *Revue Annales d'histoire économique et sociale*, inaugurando uma fase nova e absolutamente sem precedentes no campo da história e historiografia. Seu principal alvo de combate será a história política que se fazia na época, de influência positivista, caráter “diplomático”, narrativa e factual. Marc Bloch na sua *Apologie pour l'Histoire*, obra na qual explicita o que compreende como história e a forma pela qual o historiador deve fazer o seu trabalho, ou seja, o método, dentre outras questões, clama por uma história-problema, profunda e total. Esta história seria alcançada pela formulação de perguntas pertinentes por parte do pesquisador, a partir das quais ele questionaria o passado, através da aliança com as ciências sociais.

A história total ou global é para Bloch a única que pode reivindicar o estatuto de verdadeira, e, como mencionado, poderá se construir através da colaboração recíproca com as ciências sociais. Considere-se que a intenção de abordar aspectos relativos à vida dos homens em sociedade, que transcendessem a esfera política *stricto sensu*, exigiria métodos e técnicas de investigação e análise dos quais a história absolutamente não dispunha, tornando portanto fundamental essa “aliança a serviço da história”, com o intuito de incorporar metodologias compatíveis para investigar novos temas e objetos.

Além disso, altera-se substancialmente a noção de temporalidade. A ênfase será dada à longa duração, ou ao tempo longo, do movimento que é sucessão sem mudança. José Carlos Reis² considera que Marc Bloch será o primeiro dos “novos historiadores” por ter inserido a dimensão da permanência na história. Rompe com a noção de tempo histórico tradicional, na qual o acontecimento imediato ocupa lugar central. Embora não apague o evento de sua obra, sob influência de Durkheim, tratá-lo-á enquanto elemento de uma série, e desta forma como um dos sinais reveladores da estrutura, ocupando assim posição secundária. O tempo vivido é pensado estruturalmente, e aquele do inconsciente coletivo impõe-se ao tempo da consciência individual, o que implicará mudanças de objetos, fontes, problemáticas e interlocutores. Esta tendência, conquanto seja formulada por Bloch, terá como sistematizador principal Fernand Braudel, que propõe três níveis de temporalidade distintos, dentre os quais, o tempo “quase imóvel” das estruturas, que ocupa posição de destaque. Muito embora não exclua o evento de sua formulação, situa-o num nível distinto e de menor importância com relação ao anterior.

Bloch e Febvre são responsáveis por um legado que acabará por se tornar hegemônico em termos de produção de conhecimento histórico, e, nos postos acadêmicos em França, marcadamente a partir da chamada segunda geração dos *Annales*, cujo máximo expoente foi Fernand Braudel. Este, a partir de 1968, deixa de ser o único responsável pela direção da Revista, cercado-se então de jovens historiadores, como Jacques Le Goff, Le Roy Ladurie, Robert Mandrou, Jacques Revel dentre outros. Em 1975 a VIª Seção da E.P.H.E., torna-se a *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, com *status* de universidade e apta a conferir diplomas, ressaltando-se que a disciplina histórica ocupa um lugar central na Instituição, perceptível pelos quadros que a compõem, na sua maior parte de historiadores, que permanecem centralizando o poder intelectual na França.³

Os decênios de 1950/60, fase em que Braudel deteve um poder quase absoluto no interior dos *Annales*, estando só a frente da direção da Revista, é o período em que se assiste ao apogeu dos estruturalismos, quer seja na sua vertente antropológica, funcionalista, ou de certas abordagens marxistas. É a época da euforia do quantitativismo como metodologia para análise de fontes históricas, concomitante com os

² REIS, José Carlos. *Annales: A renovação da história*. Ouro Preto, UFOP, 1996.

³ Id.

avanços substanciais na área da informática. Na França, a sofisticação metodológica acabará por levar à extrema especialização da disciplina histórica com ênfase na longa duração.

A década de 1960 assiste à explosão de vários conflitos sociais, envolvendo múltiplos segmentos, os quais pela sua expressão e alcance não poderão ser ignorados pelos intelectuais da época. A partir do final desse decênio e nos que seguem, na esteira das transformações que se processam, os estruturalismos passariam por uma grande crise, quer seja o braudeliano, marxista ou funcionalista. Considere-se que segmentos da própria sociedade, em estado de franca ebulição, deram mostras efetivas de que comportamentos e realidades sociais não poderiam ficar confinados a modelos preestabelecidos. Idéia que finalmente parece ter sido apreendida por aqueles intelectuais que comumente se arvoram à função de pensar a vida dos seres humanos em grupo. Da mesma maneira indaga-se sobre a eficácia dos métodos quantitativos para a análise de fontes históricas, percebendo que se tal metodologia tem o mérito de permitir o estudo dos homens comuns, trazendo as massas para o domínio do trabalho do historiador, em contrapartida ao desconsiderar indivíduos, tomando-os tão somente como elementos de uma série, acabam por retirar-lhes a face humana, individual.

Ressalte-se que a recepção da crise que põe em questão os paradigmas científicos é muito diferenciada pelos historiadores da época. Não se vai discorrer aqui sobre as posturas genericamente designadas como “giro lingüístico”. Esta opção deve-se à discordância teórica com relação a um segmento que diante das circunstâncias acima descritas acaba por reduzir a história a uma expressão literária, já que parece compreender a falência dos estruturalismos como a *débâcle* de uma forma de conhecimento que se desenvolve no Ocidente desde o século XVI. Desconsidera-se assim, segundo esta perspectiva, que Marc Bloch, por exemplo, epígono dos *Annales*, pelos idos de 1940 já comentava sobre a atmosfera mental do seu tempo, propiciada pelos avanços no campo das ciências exatas, que leva à alteração, ou melhor, à flexibilização da própria concepção de ciência.

A atenção deste ensaio estará voltada para aqueles profissionais da história que, malgrado as incertezas que grassam, permanecem entendendo que o saber histórico é passível de ser apreendido como ciência, e no bojo da carência de referenciais buscam alternativas teóricas e metodológicas para a construção do mesmo. Toma lugar então a

terceira geração dos *Annales* ou *Nouvelle Nouvelle Histoire*⁴, fase de avaliação e reelaboração teórico-metodológica, ou seja, quando os novos historiadores são compelidos a “mudar de pele sob o sopro do vento da história”⁵; todavia, é uma época de significativa pujança em termos de produção, além da permanência da hegemonia nos postos acadêmicos.

O conhecimento histórico efetivamente produzido nesse período acaba por colocar em risco aspectos tidos como centrais para a tradição *annaliste*. A interdisciplinariedade levada a efeito, em vez de propiciar o alcance de uma história geral e globalizante, acaba pelo contrário por fazê-la fragmentar-se em múltiplos objetos, muitas vezes sem qualquer relação com a totalidade. Além disso, se a aproximação com os cientistas sociais tornou possível e produtora o diálogo com os mesmos, dificultou ou até impossibilitou a comunicação entre os historiadores, em virtude da diversidade de concepções e multiplicidade de temas e perspectivas de abordagem. É a história em migalhas de François Dosse⁶. O interesse por acontecimentos imediatos, bem como por personagens individuais, reaparece, além da preocupação com o aspecto literário da escrita da história.

Em contrapartida, Jacques Le Goff⁷ afirma que se está vivenciando um dos grandes e marcantes momentos da disciplina histórica, ou seja, depois de uma primeira mutação, que na antiguidade fez a história passar do mito coletivo à procura de um conhecimento desinteressado da pura verdade, ocorre nas décadas de 1970/80 uma segunda mutação, quando os historiadores paulatinamente tomaram consciência de que tudo é digno de história, desde a mais minúscula das tribos, o mais insignificante dos gestos, a personagem mais modesta, ampliando assim ao infinito o domínio desses profissionais. Resulta daí uma “história bulímica”, sobre a qual Le Goff está a inquirir se seria capaz de pensar e estruturar a realidade na sua totalidade. Questiona também sobre a possibilidade de alcançar-se uma coerência, uma logicidade no discurso histórico, quer seja, uma síntese. Ao que se poderia responder com uma formulação do próprio historiador mencionado, quer seja, que as histórias plurais situam-se dentro de um

⁴ Como os historiadores ligados aos *Annales* se autodenominam, visando a marcar a continuidade e sua especificidade com relação às gerações anteriores designadas como *Nouvelle Histoire*.

⁵ REIS, op.cit, pp. 82

⁶ DOSSE, François. **A história em migalhas**: dos *Annales* à nova história. São Paulo/Campinas, Ensaio/Ed. UNICAMP, 1992.

⁷ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, Ed. UNICAMP, 1996.

domínio histórico cujo horizonte continua sendo o da globalidade, que não é mais buscada principalmente na síntese, mas em objetos, ou melhor, temas de investigação e reflexão histórica de caráter globalizante.

Tendo em vista a alteração substancial dos procedimentos, objetos e problemas característicos da Terceira Geração, indaga-se sobre sua filiação e coerência no que tange às primeiras gerações, e, mais do que isto, de que forma e através de que elementos se estabelecerá a continuidade desta última fase da Revista relativamente às suas antecessoras. Dúvidas que procedem não apenas de adversários da *Nouvelle Nouvelle Histoire*, mas partem principalmente do interior da corporação dos novos historiadores. O que se evidencia pelo esforço empreendido pelos colaboradores dos *Annales* a partir de 1988, quando parecem tencionar implementar um processo de revisão de sua situação atual e de avaliação das características essenciais da produção historiográfica contemporânea vinculada à Revista, enfatizando a necessidade de reflexão sobre a mesma, na busca de estabelecer sua coerência com relação ao projeto fundador legado por Bloch, Febvre e Braudel.

Esta reavaliação passa por aspectos que sustentaram todo o projeto da Escola dos *Annales*. A proposta de transição para uma “nova fase” consta no editorial da Revista n. 2, de março/abril de 1988. Segundo o editorial será possível transcender esta fase de incertezas a partir de alguns procedimentos. Antes de tudo, refletir sobre a continuidade ou ruptura do que tem sido produzido pelos historiadores *annalistes*, no que diz respeito ao programa fundador, repensando as escalas e/ou dimensões de objetos e temas de pesquisa, as características da escrita da história, além da avaliação de possíveis novas alianças interdisciplinares a serem feitas, sem descartar as já existentes.⁸

Repensar a interdisciplinariedade também é apreendido como fundamental. Considere-se que, na prática, a aliança com outros campos do conhecimento, levou a história à extrema fragmentação, além de terem-se esgotado os modelos explicativos das ciências sociais, que durante muito tempo lhes forneceram suporte teórico-metodológico. As alternativas para esta questão variam desde posições que vêem a prática interdisciplinar como salutar, desde que o historiador não perca sua identidade, melhor dizendo, a partir de uma “adesão crítica” ao “ponto de vista” das ciências sociais. Por outro lado pontifica-se o eventual ressurgimento de uma filosofia da consciência que teria como

⁸ REIS, op.cit.

características essenciais a recusa a determinismos sociais e condicionamentos coletivos, além de trazer à tona a ação consciente dos sujeitos em relação/interação em situações determinadas. Nesta perspectiva a dimensão política da atividade humana recupera sua posição central.

Pode-se traduzir o dilema da *Nouvelle Histoire* nos seguintes termos: ou se mantém sob influência das ciências sociais em crise ou se aproxima dessa filosofia da consciência renascente, ou talvez combine as duas possibilidades. Reis afirma que o horizonte do conhecimento social não está claro, os desdobramentos destas incertezas ainda estão por vir, e aponta um aspecto elementar: os historiadores concordarão em dialogar com a filosofia, considerando o rechaço desses pela disciplina, uma das raízes fundadoras dos *Annales*?⁹ Ao que o referido autor clama por Febvre, que não rejeitava tal possibilidade em absoluto:

Dois espíritos, bem entendido: o filosófico e o histórico. Dois espíritos irreduzíveis. Mas, não se trata de reduzi-los um ao outro. Trata-se de fazer com que, permanecendo um e outro em suas posições, eles não ignorem o vizinho ao ponto de lhe permanecer hostil ou estranho.¹⁰

Roger Chartier, embora concorde com as possibilidades frutíferas do diálogo entre história e filosofia, não acredita no retorno de uma filosofia da consciência, pontificando que *essas mutações estão ligadas a um distanciamento dos princípios de inteligibilidade, que comandavam a nova história desde a sua origem*¹¹, ou seja, questões como totalidade social, globalidade, recorte territorial, longa duração, ênfase na perspectiva social, são progressivamente abandonadas dando espaço para novas concepções.

A revisão de posição a que os *Annales* foram obrigados deve-se sobretudo, segundo Reis¹², ao fato de que na década de 1980 tudo aquilo que eles reprimiram ao longo de sessenta anos voltou com mais força embora sob novas formas, citando-se aqui a narrativa, a biografia e o evento.

⁹ Id.

¹⁰ FEBVRE, Lucien. **Combats pour l'Histoire**. Paris, Armand Colin, 1965. Citado por REIS, op.cit.

¹¹ CHARTIER, Roger. **Le monde comme représentation**. In: *Annales ESC*, n. 6, Paris, Armand Colin, 1989. Citado por REIS, op.cit.

¹² REIS, op.cit.

No caso da narrativa, deve-se dizer que seu suposto “ressurgimento” obteve bastante repercussão após o artigo de Laurence Stone, o *Retorno da Narrativa ou Reflexões sobre uma Nova Velha História*. Repercussão esta, na grande parte das vezes, de caráter negativo. Será deveras criticado (Hobsbawn, Ginzburg, etc.) por estar propondo o retorno de uma narrativa tradicional, quando na verdade deixa claro no artigo citado que não é este seu objetivo. Quando expõe suas idéias sobre uma narrativa contemporânea, enfatiza a presença e a necessidade da análise, pautada em problemas e argumentos, dando relevo ao aspecto formal, ou literário do texto histórico. Além do que, propõe a abordagem de “pessoas comuns”, onde a investigação de uma personagem ou acontecimento exótico seria pensada a partir da inserção deste ou dessa na historicidade do seu tempo, e como forma de compreensão de um contexto determinado.

A biografia, por seu lado, não deverá ser muito difícil de ser assimilada, visto que muitos historiadores vinculados à Revista desde seu início produziram estudos de caráter biográfico, inclusive Lucien Febvre. Para Levi Giovanni¹³ este gênero tem o mérito de pôr em relevo o problema das relações entre a história e as ciências sociais, ou seja os limites da liberdade e da racionalidade humanas. Há também que mencionar que esse gênero historiográfico nos dias atuais pouco se assemelha com aquelas de conotação laudatória elaboradas até o início deste século, considerando ainda que no presente tem-se uma variada tipologia de biografias, desde as prosopográficas até individuais, que, longe de restringirem-se aos personagens eventualmente em foco, permitem a reconstrução dos quadros sociais ou contextos nos quais atuaram os sujeitos, denotando sua exemplaridade ou singularidade com relação à historicidade do seu tempo.

E quanto ao evento? Pode-se afirmar que apesar dos radicalismos de alguns novos historiadores – cite-se Le Roy Ladurie com sua “história imóvel” – o evento não é, no entanto, completamente estranho aos *Annales*. O conceito de longa duração, por exemplo, proposto por Braudel, integra o evento. Obliterar, deixar de lado o evento seria excluir a experiência vivida na temporalidade. O desafio para a *Nouvelle Histoire* seria pensar o evento sem recair nas filosofias da história. Reis considera que *retornar ao evento, parece-nos, é retornar a Braudel*.¹⁴

¹³ GIOVANNI, Levi. **Les usages de la biographie**. In: *Annales ESC*, n. 6, Paris, Armand Colin, 1989. Citado por REIS, op.cit.

¹⁴ REIS, op.cit., pp. 114.

Compreende-se que a avaliação empreendida pelos *Annales* denota sua postura aberta, a ausência de dogmatismos, e o fato de repensar conceitos caros à tradição *annaliste* não significaria transformar-se em outra coisa, diferente daquilo que sempre foi. Ao contrário, o mundo se modifica, e o retorno do sujeito, do evento, da narração, das nações, da história política, da biografia, que se pensava banidos dos domínios da história, realmente estão, porque aqueles que “ressurgem” pouco têm a ver com os alvos dos combates dos fundadores dos *Annales*. Acredita-se que a preocupação com os aspectos referidos encontra respaldo nas proposições das primeiras gerações, desde que não se assumam interpretações sectárias. Tem-se hoje na história portanto *uma pluralidade de sujeitos produtores de "jogadas", de "eventos", que só poderiam ser apreendidos pela "narração"*¹⁵, elementos que estão de volta pelos limites ou perigos postos pelo esquecimento dos processos pelos quais o novo advém. Dosse sintetiza bem essa questão:

a história da escola dos Annales não é uma história imóvel. Bem ao contrário, ela se adapta com sucesso às mutações sucessivas de nossa sociedade no decorrer do século XX e resiste com a mesma vitalidade aos assaltos das ciências sociais vizinhas e concorrentes.¹⁶

Revista de História Regional 5(2): 179-187. Inverno 2000.

¹⁵ REIS, op.cit.

¹⁶ DOSSE, op.cit., pp. 249.